

# DIÁLOGO LINGUÍSTICO

## Occidente e Oriente

ORGANIZADORAS

- Alice Joko • Rita de Cássia Soares
- Vera Augusto • Yuko Takano

lters Student Center  
Académie des Lettres  
Cion Estudiantil de Letras  
to Acadêmico de Letras  
文学 學術  
センター



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia

EDITORA



UnB



**Universidade de Brasília**

**Reitora**  
**Vice-Reitor**

Márcia Abrahão Moura  
Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora**

Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial**

Germana Henriques Pereira (Presidente)  
Fernando César Lima Leite  
Ana Flávia Magalhães Pinto  
César Lignelli  
Flávia Millena Biroli Tokarski  
Liliane de Almeida Maia  
Maria Lidia Bueno Fernandes  
Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
Roberto Brandão Cavalcante  
Sely Maria de Souza Costa  
Wilsa Maria Ramos



# DIÁLOGO LINGUÍSTICO

---

## Ocidente e Oriente

ORGANIZADORAS

**Alice Tamie Joko**

**Rita de Cássia da Silva Soares**

**Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto**

**Yuko Takano**



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia

**Coordenadora de produção editorial**

**Revisão**

**Diagramação**

**Foto de capa**

**Equipe editorial**

Marília Carolina de Moraes Florindo

Alice Tamie Joko, Rita de Cássia Soares,  
Vera Lúcia Augusto e Yuko Takano

Laissa Reis

René Strehler

© 2021 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,  
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF

Telefone: (61) 3035-4200

Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)

E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte  
desta publicação poderá ser armazenada ou  
reproduzida por qualquer meio sem a autorização  
por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília  
Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

---

D536

Diálogo linguístico : Ocidente e Oriente / organizadoras, Alice  
Tamie Joko ... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de  
Brasília, 2021.

368 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

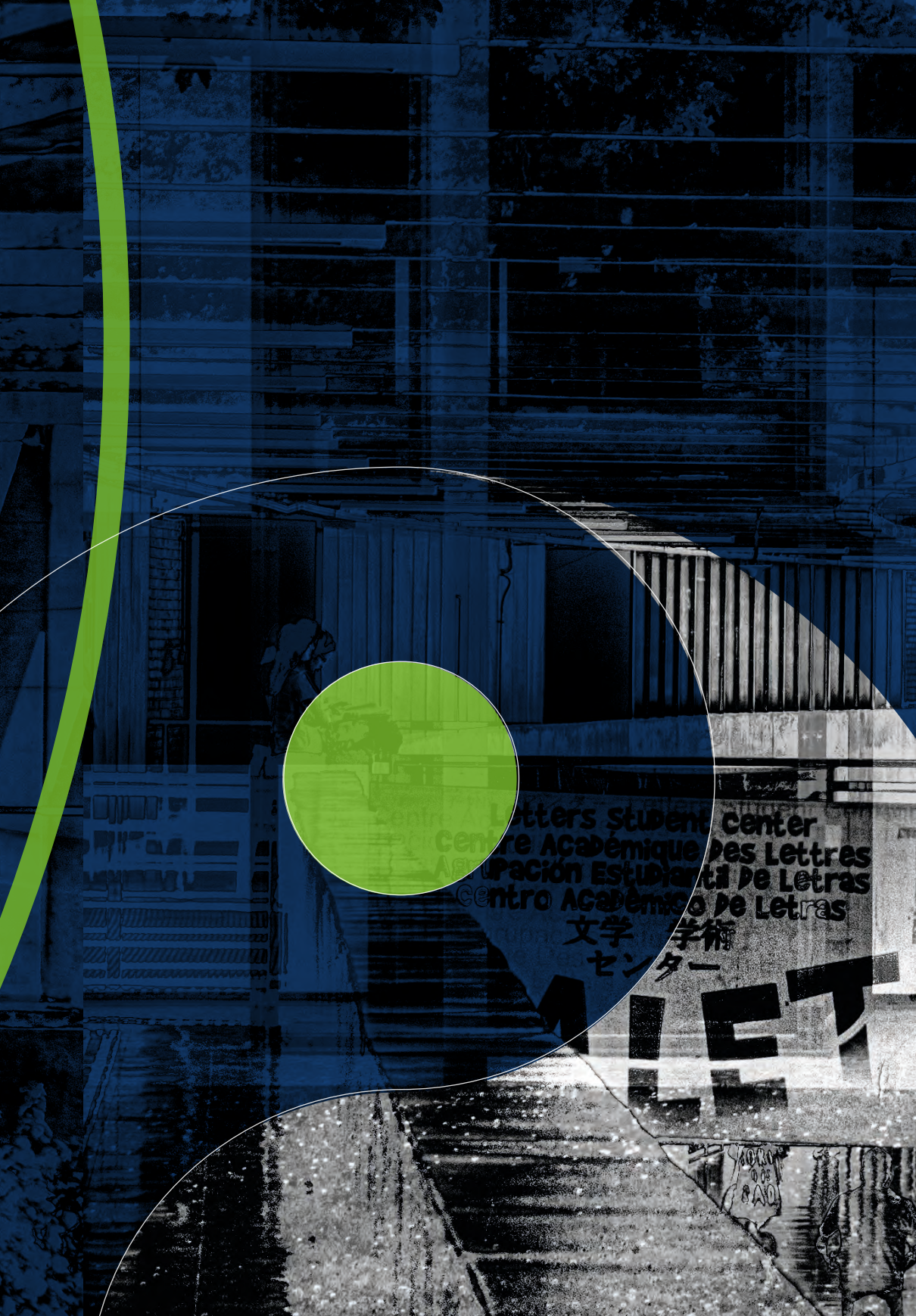
ISBN 978-65-5846-143-2

1. Sociogeolinguística. 2. Língua japonesa - Estudo e ensino.  
3. Língua portuguesa - Estudo e ensino. I. Joko, Alice Tamie  
(org.). II. Série.

CDU 81'28

---





Lettres Student Center  
Centre Académique des Lettres  
Asociación Estudiantil de Letras  
Centro Académico de Letras  
文学 学術  
センター

1151

SOCIÉTÉ  
D'ÉTUDES  
DE LA  
SAO

# SUMÁRIO

---

**Apresentação** \_\_\_\_\_ 11

## **PARTE I - OCIDENTE**

**Mapeamento geossociolinguístico da vogal média posterior  
pretônica /o/ no Estado de Rondônia** \_\_\_\_\_ 25

Abdelhak Razky (UnB)  
Diego Coimbra (UFPA)

**Contribuições da sociogeolinguística para o ensino de língua  
portuguesa: propostas de intervenção para a educação básica** \_53

Adriana Cristina Cristianini (UFU)



**Crenças e atitudes: vencendo o preconceito e construindo empatia linguística**\_\_\_\_\_73

Clézio Roberto GONÇALVES (UFOP/CNPq)  
Josane Moreira de OLIVEIRA (UEFS/UFBA)

**Amuleto, figa, patuá...: um estudo de sociogeolinguística**\_\_\_\_\_95

Irenilde Pereira dos Santos (USP)

**Tagarela, falador e papagaio: linguagem e interação nas variações do português**\_\_\_\_\_115

Rita de Cássia da Silva Soares (USP e FAG)

**Escolhas lexicais e ensino de línguas: anseios e possibilidades**\_\_\_\_139

Selma Sueli Santos Guimarães (UFU)

**Um estudo geolinguístico no Estado de Goiás**\_\_\_\_\_161

Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto (UNICALDAS e IFMT)

**PARTE II - ORIENTE**

**O uso de línguas pela primeira geração de imigrantes okinawanos na Casa Verde em São Paulo e as suas questões linguísticas**\_\_\_\_\_179

Eduardo Nakama (UnB)  
Yûki Mukai (UnB)



**Uma nova abordagem de ensino do curso de japonês no Centro Interescolar de Línguas (CIL) de Sobradinho – CILSOB – percepções de um professor sobre o processo**\_\_\_\_\_219

Geanne Alves de Abreu Morato (SEEDF)  
Hélder Gomes Rodrigues (SEEDF)

**(Im)polidez, saudações e formas de tratamento: dificuldades de aprendizagens de português LE**\_\_\_\_\_261

Kazue Saito M. Barros (UFPE/CNPq)  
Alice Tamie Joko (UnB)  
Ricardo Rios Barreto Filho (UFPE)

**TCC do Curso de Licenciatura em Japonês: um olhar no passado e reflexões**\_\_\_\_\_283

Kyoko Sekino (UnB)

**O nordeste asiático como área de convergência linguística: a língua japonesa em seu contexto regional**\_\_\_\_\_315

Marcus Tanaka de Lira (LET/UnB)

**Diálogos possíveis: áreas que se convergem para os estudos do falar nipo-brasiliense**\_\_\_\_\_337

Yuko Takano (UnB)

**Posfácio**\_\_\_\_\_361

**Os Autores**\_\_\_\_\_363



# PARTE I - OCIDENTE

---





# **AMULETO, FIGA, PATUÁ...:** UM ESTUDO DE SOCIOGEOLINGUÍSTICA

---

Irenilde Pereira dos Santos (USP)

Compreendeu-se que as palavras migram, tal como os homens, e por sinal através deles ou com eles.

Iorgu Iordan

## **1. INTRODUÇÃO**

É incontestável a importância do léxico na atividade discursiva. Ele remete ao repositório de dados sócio-históricos de que dispõem os membros dos grupos que integram a sociedade, em suas relações intersubjetivas. Dito em outras palavras, os sujeitos, enquanto falantes-ouvintes de grupos sociais, utilizam-se de dados semântico-lexicais para expressar o mundo-espaço dito real na interação social. Os itens lexicais de que se compõe o léxico e utilizados pelos sujeitos em suas interlocuções revelam valores sócio-históricos dos grupos a que pertencem.

Este trabalho se propõe a focar itens lexicais utilizados por sujeitos em suas interlocuções e sua relação com o contexto sócio-histórico. Tem o objetivo de examinar os itens lexicais que os sujeitos falantes-ouvintes de determinadas localidades utilizam em suas respostas a uma dada questão do questionário semântico-lexical.

Inscrive-se na pesquisa sociogeolinguística, que, desde 2004, ano em que o termo foi criado (CRISTIANINI; ENCARNAÇÃO, 2009, p. 91) é utilizado para designar os estudos que buscam analisar a relação entre a atividade discursiva e o espaço. Dessa forma, o presente trabalho não se atém ao binômio frequência-distribuição dos itens lexicais num determinado espaço. Embora a quantificação e a cartografia de dados sejam elementos importantes para se chegar à descrição do Português do Brasil, há outros aspectos relevantes a serem considerados na atividade discursiva intersubjetiva. Como afirma Iordan (1982, p. 212) “num atlas estão expostos os dados de uma experiência linguística”. O presente trabalho vai além e, como em trabalhos anteriores (SANTOS, 2006; 2008; 2009 a; 2009 b; 2010; 2012 a; 2012 b; CRISTIANINI, 2012 a; 2012 b), abre-se ao diálogo com outras áreas do conhecimento e disciplinas da Linguística. Dessa forma, abre-se ao diálogo com a Geografia, a Lexicologia, a Análise do Discurso de linha francesa e a Semântica Interpretativa de Rastier (1987), entre outras. Delas extrai elementos que lhe permitem dar conta da análise dos itens lexicais, referentes a uma dada questão do Questionário Semântico-Lexical, encontrados nos seguintes atlas semântico-lexicais brasileiros: (i) *Atlas semântico-lexical do Estado de Goiás*, de Augusto (2012); (ii) *Atlas semântico-lexical da Região do Grande ABC*, de Cristianini (2007); (iii) *Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do Litoral Norte de São Paulo*, de Encarnação (2010); e (iv) *Atlas semântico-lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT) – São Paulo*, de Soares (2012).

## 2. O LÉXICO NA ATIVIDADE DISCURSIVA

O léxico constitui uma apreensão da realidade por parte dos sujeitos enquanto falantes-ouvintes que integram os grupos que atuam na sociedade.

Na Sociociogeolinguística, os sujeitos que respondem ao questionário semântico-lexical, enquanto falantes-ouvintes de grupos sociais, são interlocutores na interação social. As respostas desses sujeitos expressam sentimentos, crenças e valores que, não sendo exclusivamente seus, revelam sua inserção em grupos sociais. Por conseguinte, a atividade discursiva se desenvolve na interação entre sujeitos, enquanto membros de grupos que atuam na sociedade, relacionados a um determinado tempo, inseridos numa comunidade de linguagens<sup>1</sup> e vinculados a um dado espaço.

O tempo enfocado aqui é o sócio-histórico (FERNANDES, 2008), uma vez que, na fala desses sujeitos, sobressaem-se marcadores temporais que desvelam sentimentos, crenças e valores de uma determinada **época**, a saber, da **época** em que vivem.

Enquanto membros de grupos sociais de uma dada **época**, encontram-se necessariamente inseridos numa comunidade de linguagens. Aos elementos verbais se incorporam elementos não verbais, que, vistos numa perspectiva **sócio-histórica**, **fornecem elementos** para a compreensão dos sentimentos, crenças e valores dos grupos que atuam na sociedade. Assim, não se trata simplesmente de uma comunidade de fala ou comunidade linguística, mas de uma comunidade que encerra uma mescla de linguagens (SANTOS, 2008).

Por último, e não menos importante, configura-se o espaço, elemento relevante na Sociogeolinguística. Reporta-se ao lugar ou à área habitada pelos sujeitos, o chamado espaço geográfico e não se confunde com a paisagem. Como aponta Santos (2017, p. 66):

---

<sup>1</sup> Expressão que designa a pluralidade de sistemas de significação - verbais e não verbais - que coexistem na sociedade.

Paisagem e espaço não são sinónimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima.

Da mesma forma que o tempo, o espaço supõe necessariamente a presença dos grupos sociais. Mais adiante, Santos (2017, p. 67) acrescenta que,

Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico. Já o espaço resulta da **intrusão da sociedade** nessas formas-objetos. [...] A paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável: **o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente.** (grifo nosso)

Portanto, no espaço, ao lado das formas representativas de um legado cultural, existem sujeitos. Soma-se à presença humana “um sistema de valores que se transforma constantemente”. Os sujeitos, enquanto membros de grupos sociais, participam do saber/fazer sociogeolinguístico. A todo momento, produzem discursos relacionados com um espaço que pode ser igualmente denominado sócio-histórico.

Como já apontado anteriormente (SANTOS, 2008), os dados linguísticos inseridos nos estudos sociogeolinguísticos e nos atlas linguísticos integram os discursos dessa comunidade e são produzidos na interação entre sujeitos, em torno dos quais se organizam as referências de tempo e espaço. Na verdade, pelo fato de conterem os sentimentos, crenças e valores desses sujeitos, os dados linguísticos encontrados nos estudos sociogeolinguísticos e nos atlas semântico-lexicais revelam as transformações sócio-históricas de uma comunidade.

Concordamos com Martin (1983, p. 88) quando afirma: “determinados dados do mundo, de natureza física, fisiológica, antropológica



e antropocultural, exercem uma força tão grande sobre a vida dos homens que é impossível que não deixem nenhuma marca na língua.”

No léxico, essas marcas se inscrevem nos sememas dos itens lexicais. Por isso, uma maneira de se examinar um item lexical que se insere na atividade discursiva consiste em investigar seu semema. Definido como um conjunto de semas, o semema constitui uma combinação semêmica que conduz à interpretação do significado de um item lexical. Segundo Rastier (1996, p. 44), pode-se distinguir dois tipos de semas: inerentes<sup>2</sup> e aferentes<sup>3</sup>. Para a compreensão da rede semêmica de um item lexical, é preciso considerar que a interação supõe um percurso que se origina no sistema, continua na norma, passa pela fala e chega até o discurso. Como afirma Coseriu, o sistema “pode ser considerado como conjunto de ‘imposições’, mas também e talvez melhor, como conjunto de liberdades, pois que admite infinitas realizações e só exige que não se afetem as condições funcionais do instrumento linguístico” (1977, p. 74). A norma, por sua vez, corresponde a “um sistema de realizações, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade” (COSERIU, 1977, p. 74). É, portanto, um conjunto de modelos linguísticos, provenientes do sistema, fixados e consagrados pela comunidade de que fazem parte os sujeitos. Na norma se encontram vários tipos de variação, dentre os quais se inclui a norma de espaço geográfico, qual seja, a variação diatópica, objeto de estudo da Sociogeolinguística. A Fala compõe-se dos usos dos sujeitos que são atualizados no discurso.

Na passagem do sistema ao discurso, o semema passa por uma série de ampliações, desvios e restrições que acabam por transformá-lo. Na verdade, essa transformação, que se opera na passagem de um nível a outro, atualiza-se no discurso. Pottier (1987, p. 60) destaca esse aspecto ao afirmar que “o semema é um fato de língua que, ao ser atualizado no discurso, reduz-se ou amplia-se”.

---

<sup>2</sup> Os semas inerentes são ditos denotativos, distintivos, definitórios e universais e provêm do sistema funcional da língua. (RASTIER, 1996, p. 44).

<sup>3</sup> Os semas aferentes são caracterizados como conotativos, não distintivos, não definitórios e não universais; remetem a normas socializadas. (RASTIER, 1996, p. 44).

Na atividade discursiva os semas podem sofrer profundas alterações. Enquanto alguns podem não ser atualizados; outros podem sofrer uma grande transformação devido a processos metafóricos e metonímicos; outros, ainda, podem ser ampliados. Pode igualmente ocorrer de um determinado emprego, advindo de um dado do contexto sócio-histórico, dar origem a um sema que acaba sendo integrado ao semema. Como já observado por Santos (2006, p. 89), esses fatos, longe de representarem uma distorção, manifestam-se com relativa frequência na atividade discursiva, produzem novos sentidos e conduzem a novas interpretações de um dado item lexical.

### 3. EXAMINANDO OS DADOS

Para o exame dos dados, enfocaram-se os itens lexicais utilizados por sujeitos falantes-ouvintes do Português do Brasil, que constam nos quatro atlas semântico-lexicais já mencionados, em resposta à questão - “\_\_\_\_\_ o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?”. Essa questão integra o questionário semântico-lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, o qual prevê como resposta o item lexical *amuleto* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 33).

Iniciou-se pela etapa quantitativa. Após a seleção dos itens lexicais utilizados pelos sujeitos nas respostas à questão e registrados nos atlas semântico-lexicais arrolados, elaborou-se uma tabela, reproduzida a seguir. Assinalou-se com um X a presença de um dado item lexical em determinado atlas; e, na última coluna à direita, denominada Total, colocou-se o número de ocorrências do item lexical nos diversos atlas. Todos os itens lexicais foram dispostos em ordem decrescente de ocorrência.

“\_\_\_\_\_ o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?” em as semântico-lexicais brasileiros

**Tabela 1:** Itens lexicais que ocorreram nas respostas à questão

Atlas semântico-lexicais					
Item lexical	ASL_LN	ASL_ABC	ASL_RENAT	ASL-GO	Total
Amuleto	X	X	X	X	4
Figa	X	X		X	3
Patuá	X	X		X	3
Simpatia		X		X	2
Olho de boi		X		X	2
Pé de coelho		X		X	2
Trevo		X		X	2
Cruz	X				1
Ferradura		X			1
Abre caminho			X		1
Anjo da guarda				X	1
Arruda				X	1
Cabelo de lobo				X	1
Coisa da sorte	X				1
Cristal	X				1
Crucifixo				X	1

Atlas semântico-lexicais					
Item lexical	ASL_LN	ASL_ABC	ASL_RENAT	ASL-GO	Total
Dente de alho		X			1
Guia		X			1
Incenso		X			1
Medalha		X			1
Meu guia			X		1
Nome de Deus				X	1
Objeto da sorte			X		1
Olho de lobo				X	1
Palma		X			1
Pé de porco		X			1
Rabo de coelho				X	1
Sal grosso				X	1
Sapatilha				X	1
Superstição				X	1
Vaso de guiné				X	1

Fonte: Tabela elaborado pela autora

Como se pode observar, os sujeitos utilizaram uma variedade significativa de itens lexicais como resposta à questão “\_\_\_\_\_ o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?” O item lexical *amuleto*, correspondente à resposta prevista pelo Comitê Nacional do

Projeto ALiB (2001, p. 33), ocorreu em todos os atlas semântico-lexicais. Os sujeitos utilizaram trinta outros itens lexicais. O levantamento mostrou que *figa* e *patuá* foram registrados em três atlas; enquanto *simpatia*, *olho de boi*, *pé de coelho* e *trevo*, em dois. Os outros vinte e cinco itens lexicais tiveram uma única ocorrência.

A essa primeira etapa quantitativa seguiu-se uma etapa qualitativa cujo objetivo foi o exame da combinatória semêmica dos itens lexicais arrolados na tabela (SANTOS, 2006; 2008; 2009 a; 2009 b; 2010; 2012 a; 2012 b). Para o exame dos semas que compõem a combinatória semêmica não apenas de *amuleto* como dos demais itens lexicais constantes das respostas dos sujeitos, fez-se uso de dicionários gerais de língua portuguesa, bem como de dicionários etimológicos. Dada a natureza da pesquisa, acrescentaram-se dicionários e compêndios que tratam de folclores e superstições.

É possível encontrar mais de uma etimologia para o item lexical *amuleto*. Para Cunha (2015, p. 42), origina-se do latim *amuletum*,<sup>i</sup> e designa um “pequeno objeto que se usa ou guarda por se acreditar em seu poder mágico”.

Já para Bluteau (2002, p. 356), os estudiosos de etimologia atribuem ao item mais de uma possibilidade. Aqui, destacam-se duas dessas apontadas por Bluteau: uma do grego e outra do latim.

Os que o fazem vir do Grego, o derivam de *Amma*, que é *Liame* ou *Atadura*, porque de ordinário os *Amuletos* se trazem atados [...] Outros o derivam do Latim *Amoliri*, *quod amoliatur venena*, outros de *Amula*, certo vaso de água que se trazia para se livrar de perigos, & outros de *emulatio*, porque da “emulação, & inveja procederão os quebrantos, contra os quaes obra a virtude dos *Amuletos*” (op. cit.)., [...] (BLUTEAU, 2002, p. 356) (grifo do Autor)

Quer se considere a etimologia apresentada por Cunha (2015, p. 42), quer se atente para as demais possibilidades expostas por Bluteau, verifica-se

que fazem menção ao significado de *amuleto* encontrado em vários dicionários gerais de língua portuguesa da atualidade utilizados no Brasil.

Em Houaiss (2014), o item lexical é definido como:

objeto, fórmula escrita ou figura (medalha, figa etc.) que alguém guarda consigo e a que se atribuem virtudes sobrenaturais de defesa contra desgraças, doenças, feitiços, malefícios etc. Etimologia: lat. *amulétum, i* ‘amuleto, remédio supersticioso que preservava contra feitiços, venenos etc., preservativo, talismã’.

Em Caldas Aulete e Valente (2019), o item lexical *amuleto* é definido como: “Figa, medalha ou outro objeto que alguém traz consigo por superstição, atribuindo-lhe o poder de proteger contra má sorte, doenças, acidentes etc. [F.: Do lat. *amuletum, i*. Cf.: *talismã*.]”.

Em Ferreira (1999) lê-se: “Pequeno objeto (figura, medalha, figa, etc.) que, desde a mais alta Antiguidade, alguém traz consigo ou guarda por acreditar em seu poder mágico passivo de afastar desgraças ou malefícios; talismã preservativo.”

Leach (1950, p. 50) relaciona os amuletos de acordo com o material de que se constituem. Segundo o autor, um primeiro tipo seriam os amuletos de pedras comuns, escolhidas quer pela forma, quer pela cor, quer pela importância do lugar em que foram encontradas. Indica também um segundo tipo de amuleto – partes de animais ou substâncias. Segundo o autor, dependem frequentemente de sua eficácia para a transferência simpatética das características ou qualidades do animal das quais são adquiridas. Em seguida, aponta as plantas ou partes de plantas, como sementes, pedaços de madeira e folha. Os romanos usavam alho para afastar as bruxas e tocavam o umbral com morango pelo mesmo motivo. Os japoneses usam frutas, flores e vegetais em suas casas e penduram alho nas portas para afastar doenças contagiosas.

As acepções tornam possível a inclusão de *amuleto* e demais itens lexicais utilizados nas respostas dos sujeitos no domínio “crendices e superstições”. Dito em outras palavras, o uso dos itens lexicais pelos

sujeitos em suas interlocuções, arrolados na tabela corresponde a um dado semântico-lexical relacionado a credices e superstições.

Concomitantemente, essas acepções colocam em relevo o semema de *amuleto* e demais itens lexicais utilizados nas respostas dos sujeitos, dentre os quais se destacam os seguintes semas:

- objeto a que se atribui um poder mágico;
- que uma pessoa pode carregar, usar ou ter em casa;
- que pode ser natural ou manufaturado;
- de formas, cores e materiais diferentes.

À medida que provêm do sistema funcional da língua, os semas acima são ditos inerentes (Rastier, 1996, p. 44). Entretanto, no semema de *amuleto*, bem como no dos demais itens lexicais, ao lado dos semas inerentes, encontram-se outros semas subjacentes que se atualizam na atividade discursiva. Dito em outras palavras, aos semas inerentes, próprios do domínio “credices e superstições”, acrescentam-se outros semas que podem ser atualizados, tendo em vista as virtualidades que podem ser encontradas no semema de *amuleto*.

O exame do semema de *amuleto* e dos demais itens lexicais utilizados pelos sujeitos em suas interlocuções torna possível considerar-se aquele como hiperônimo e estes como hipônimos.

O emprego do item lexical *amuleto* que, como se viu, ocorre nos quatro atlas semântico-lexicais brasileiros, coloca em relevo o sema “a que se atribui um poder mágico” que, na atividade discursiva, remete ao par *atração versus repulsa*. Observa-se que o par já se encontra na formulação da questão “\_\_\_\_\_ o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?, feita ao sujeito. Dito de outra maneira, na atividade discursiva, os sujeitos atribuem a um determinado objeto (um hipônimo) utilizado como amuleto (o hiperônimo) o poder mágico de atrair ou repelir algo. Enquanto a atração supõe a inclinação por coisas benéficas, agradáveis, proporcionada por um objeto, representado

pelo amuleto; a repulsa se reporta ao afastamento de coisas malélicas, desagradáveis, possibilitado pelo objeto (um hipônimo) representado pelo amuleto (o hiperônimo).

Trata-se, então, de uma ambivalência, apresentada na figura a seguir.

**Figura 1:** Ambivalência no semema de amuleto



Em geral, os autores mencionam esse poder mágico do amuleto.

Leach (1950, p. 50) faz menção ao amuleto como objeto de proteção:

Objeto, geralmente portátil, usado ou carregado pela pessoa, ou existente na casa, sobre algo ou entre suas coisas, para proteger o dono de perigos, como morte, roubos, ataques de animais, espíritos malélicos, bruxarias ou mau-olhado; a fim de ajudá-lo a ter sorte, riqueza, força física, poderes mágicos; e trazer sucesso na caça, no comércio, nas batalhas e no amor.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Texto original: *object, usually portable, worn or carried on the person, placed in a house, or on or among one's possessions, to protect the owner from dangers such as death, shipwreck, lightning, attacks by thieves or animals, evil spirits, witchcrafts, or vil eye; to aid him in acquiring luck, wealth, physical strength, magical powers; and to bring success in hunting, trading, battle, or love.*



Cascudo (2001, p. 15) introduz a definição de frei Domingos Vieira, que especifica quais objetos têm o poder especial de afastar as coisas maléficas, desagradáveis”.

Definição de frei Domingos Vieira: medalha, inscrição, carântula, bentinho, venera, nômima, figa, figura ou qualquer objeto que se traz pendurado ao pescoço, costurado na roupa ou conservado com cuidado, na persuasão de que ele pode prevenir as doenças, curá-las, destruir os malefícios e desviar todas as calamidades.

Cascudo observa ainda que “de uso imemorial, o amuleto é uma constante etnográfica em todos os povos e épocas” (CASCUDO, 2001, p. 15). Assim, junto com os elementos advindos do mundo físico, emergem interpretações feitas pelos sujeitos ao longo da história da humanidade.

A ambivalência aqui apontada tem sua origem nos tempos mais remotos. Isso pode ser atribuído à crença de que a ocorrência de venturas e infortúnios está associada à influência de forças sobrenaturais. O excerto a seguir, extraído da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (1964, p. 434), aponta essa tendência:

o homem [...] acreditou supersticiosamente na possibilidade, mais ou menos eficaz, de com certas práticas e certos objectos, não só provocar como debelar e conjurar as doenças e muitos infortúnios da vida. Estes objectos dotados de virtudes maravilhosas, ou inatas ou adquiridas, constituíam (e constituem) os amuletos, que, por tal motivo, pertenciam à magia.

O excerto destaca o aspecto mágico, igualmente apontado por Chevalier e Gheerbrant (2007, p. 49) – “considera-se que o amuleto possua ou encerre uma força mágica: realiza o que simboliza, uma relação muito especial entre aquele que o traz consigo e as forças que o amuleto representa”.

Inicialmente, o uso de amuletos era um costume comum apenas entre os pagãos, entretanto, posteriormente, passou a ser largamente adotado pelos cristãos. Na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (1964, p. 434), há um registro desse costume em Portugal:

como o supersticioso costume podia mais que todas as condenações, e aos castigos e perseguições firmemente resistia, a Igreja foi obrigada a transigir um tanto, pelo que muitos amuletos de significado pagão ficaram substituídos por outros religiosos (cruzes, nômimas, imagens).

Esse uso amplamente disseminado de amuletos fez com que o povo continuasse a utilizá-los. Segundo a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (1964, p. 434), o povo passou a misturar forma com intenção, como é o caso de elementos usados para combater o mau-olhado, as bruxarias e o quebranto, ou conservou o valor dos primeiros símbolos, crenças e formas de cultuar, como na meia lua, na figa e na pedra de raio.

Os amuletos manufaturados são tão difundidos quanto os naturais. Segundo a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (1964, p. 434), os gregos usavam imagens de deuses e figuras geométricas como amuletos. Os maias usavam um sapo dourado (de ouro) ou vários, imagens de crocodilos, caranguejos, macacos, com um gancho pendurados numa cordinha ou corrente. Os japoneses usam sinos e imagens de divindades além dos comumente usados amuletos escritos.

Atualmente, o uso de amuletos constitui uma prática encontrada em um grande número de nações ao redor do mundo. Por conseguinte, não causa estranheza que, nos atlas semântico-lexicais brasileiros enfocados no presente trabalho estejam registrados pouco mais de trinta itens lexicais à questão já mencionada, a saber: *amuleto, figa, patuá, simpatia, olho de boi, pé de coelho, trevo, cruz, ferradura, abre caminho, anjo da guarda, arruda, cabelo de lobo, coisa da sorte, cristal, crucifixo, dente de alho, guia, incenso, medalha, meu guia, nome de Deus, objeto da sorte, olho de lobo, oração, palma, pé de porco, rabo de coelho, sal grosso, sapatilha, superstição, vaso de guiné.*

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente trabalho examinaram-se os itens lexicais de que se utilizaram os sujeitos em resposta à seguinte questão do questionário semântico-lexical: “\_\_\_\_\_ o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?” em quatro atlas semântico-lexicais brasileiros.

A primeira etapa, de natureza quantitativa, consistiu no levantamento dos itens lexicais utilizados pelos sujeitos nas respostas à questão acima e registrados nos atlas semântico-lexicais arrolados, que foram posteriormente inseridos numa tabela em ordem decrescente de ocorrência por atlas. O levantamento mostrou um número significativo de diferentes itens lexicais. Foram ao todo trinta e um. O único a ocorrer nos quatro atlas foi *amuleto*. Os itens lexicais *figa* e *patuá* ocorreram em três atlas; *simpatia*, *olho de boi*, *pé de coelho* e *trevo*, em dois; e, por fim, *cruz*, *ferradura*, *abre caminho*, *anjo da guarda*, *arruda*, *cabelo de lobo*, *coisa da sorte*, *crystal*, *crucifixo*, *dente de alho*, *guia*, *incenso*, *medalha*, *meu guia*, *nome de Deus*, *objeto da sorte*, *oração*, *olho de lobo*, *palma*, *pé de porco*, *rabo de coelho*, *sal grosso*, *sapatilha*, *superstição* e *vaso de guiné* em apenas um.

Essa pluralidade de itens lexicais com referência a amuleto colocou em foco a distribuição e a frequência do item lexical *amuleto* e variantes nos espaços abrangidos nos quatro atlas. Embora a etapa seja necessária para a descrição da norma semântico-lexical do Português do Brasil, não destaca o aspecto semântico por trás desses usos, a saber, o aspecto sócio-histórico subjacente à atividade discursiva desses sujeitos.

O aspecto sócio-histórico começa a ser percebido quando se adentra a segunda etapa que corresponde ao exame qualitativo do item lexical *amuleto* e dos itens lexicais correlacionados. Nessa etapa, focaliza-se o exame da combinatória semêmica dos itens lexicais. No caso de *amuleto*, esse exame apontou que os itens lexicais utilizados pelos sujeitos, em suas interlocuções, estão inscritos no domínio “crendices e superstições” e são constituídos dos seguintes semas: objeto a que se atribui um poder mágico; que uma pessoa pode carregar, usar ou ter em casa; que pode ser natural ou manufaturado; e, de formas, cores e materiais diferentes.

No item lexical *amuleto* que ocorreu nos quatro atlas semântico-lexicais, houve o destaque do sema “a que se atribui um poder mágico” que, na atividade discursiva, remete ao par *atração versus repulsa*. Dito em outras palavras, no discurso, os sujeitos atribuem aos mais diferentes tipos de objetos o poder mágico de atrair ou repelir algo. Configura-se, então, uma ambivalência – *atração versus repulsa*. Assim, dentro de um dado contexto sócio-histórico, a alguns objetos os sujeitos atribuem o “poder mágico” de atrair coisas benéficas, agradáveis. Ainda dentro desse contexto histórico, a outros objetos, os sujeitos atribuem o “poder mágico” de repelir coisas maléficas, desagradáveis.

Embora a ambivalência se reporte ao conjunto dos itens lexicais registrados nos atlas semântico-lexicais focalizado, neste momento, o presente estudo enfocou o exame de *amuleto*. Entretanto, para que se possa entender a dinâmica discursiva dos sujeitos em relação ao contexto sócio-histórico, é forçoso analisar os demais itens lexicais relacionados a *amuleto* que constam das respostas dos sujeitos. Um rápido exame da combinatória semêmica desses itens lexicais mostrou que vários têm semas oriundos de outros domínios, passíveis de atualização por causa da dinâmica discursiva. A título de exemplificação, citam-se *olho de boi, pé de coelho, rabo de coelho cabelo de lobo, olho de lobo, pé de porco* que têm semas do domínio “animal”. Outros possuem semas do domínio “plantas”, como *trevo, arruda, palma, vaso de guiné*.

Ao longo do presente trabalho, foi possível verificar que os itens lexicais registrados nos atlas semântico-lexicais não constituem tão-somente elementos a serem dispostos em tabelas e gráficos com vistas ao retrato da frequência e da distribuição de um dado fenômeno linguístico. Eles são parte integrante da atividade linguística de sujeitos em interlocução num dado espaço numa determinada época. Por isso, é imprescindível que o especialista examine não apenas a combinatória semêmica dos itens lexicais registrados nos atlas, como também quais semas são atualizados por esses sujeitos. Esse estudo pode ser extremamente significativo para o conhecimento dos aspectos subjacentes à atividade discursiva.

## REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, Vera Lúcia Dias dos Santos *Atlas semântico-lexical do estado de Goiás*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-09012013-114759/pt-br.php>. Acesso em: 5 nov. 2020.
- BLUTEAU, Rafael *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico ... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes e latinos e offerecido a El Rey de Portugal D. João V. / Padre D. Raphael Bluteau*, Hildesheim: Georg Olms Verlag, New York, 2002.
- CALDAS AULETE, Francisco Júlio; VALENTE, Antônio Lopes dos Santos *Dicionário online Caldas Aulete*. Lexikon Editora Digital Ltda. Disponível em: [www.aulete.com.br](http://www.aulete.com.br). Acesso em: set. 2019.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 3. ed. rev. e aum. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.
- CHEVALIER, Jean.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Vera da Costa e Silva et al. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas lingüístico do Brasil: questionário 2001*. Londrina: UEL, 2001.
- COSERIU, Eugenio Sistema, norma y habla. In: *Teoría del lenguaje y linguística general*. 3. ed. rev. e corrigida. Madri: Gredos, 1979, p. 11 a 113.
- CRISTIANINI, Adriana. Cristina *Atlas semântico-lexical da Região do Grande ABC*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-28012008-115533/pt-br.php>. Acesso em: 5 nov. 2020.
- CRISTIANINI, Adriana. Cristina Sociogeolinguística: uma abordagem para o estudo do léxico. In: SANTOS, I. P.; CRISTIANINI, A. C. *Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises*. São Paulo: Paulistana, 2012a, p. 21-32.
- CRISTIANINI, Adriana. C. Pesquisas Sociogeolinguísticas e a variável faixa etária em estudos no estado de São Paulo. *Domínios de Lingu@gem*,

v. 6, n. 1, p. 516-527, 3 jul. 2012b. Dispo-nível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/14884/9618>. Acesso em: 10 out. 2020.

CRISTIANINI, Adriana. Cristina; ENCARNAÇÃO, Marcia. Regina Teixeira da A contribuição dos estudos sociogeolinguísticos para a escolha lexical na recepção e produção de textos orais e escritos. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, XII, 2008, Rio de Janeiro.

*Livro dos Mini cursos - Cadernos do CNFL*. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2009. v. XII. p. 10-17.

CUNHA, Antonio. Geraldo da *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4 ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Lexikon, 2015.

ENCARNAÇÃO, Marcia. Regina Teixeira da *Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba: municípios do Litoral Norte de São Paulo*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-18102010-144550/pt-br.php>. Acesso em: 5 nov. 2020.

FERNANDES, Cleudemar Alves *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. Ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

*GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA*. Volume II – Brasil. Lisboa: Editorial Enciclopédia, 1964.

HOUAISS, Antonio *Houaiss eletrônico*. Versão monousuário 2009.8. 1 CD-ROM. São Paulo: Objetiva, 2014.

IORDAN, Iorgu. *Introdução à linguística românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

LEACH, Maria *Dictionary of folklore, mythology and legend*. Nova York: Funk & Wagnalls, 1950.

MARTIN, Robert. *Pour une logique du sens*. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.

POTTIER, Bernard. *Théorie et analyse en linguistique*. Paris: Hachette, 1987.

RASTIER, François. *Sémantique interpretative*. 2.ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

SANTOS, Irenilde P. dos; CRISTIANINI, A.C. (Orgs.) *Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises*. São Paulo: Paulistana, 2012.

SANTOS, Irenilde P. dos Proposta de análise do aspecto semântico-lexical em atlas linguísticos regionais brasileiros. In: Cunha, Cláudia de Souza (Org.). *Estudos geo-sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: UFRJ: Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2006, p.83-97).

SANTOS, Irenilde P. dos Geolinguística e práticas discursivas: o léxico. In: LIMA-HERNANDES, M.C.; MARÇALO, M.J.; MICHELETTI, G.; MARTIN, V.L. DE R. *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCH-USP, 2008, p. 1-17.

SANTOS, Irenilde P. dos O léxico paulistano no contexto da lusofonia. In: Colóquio Anual da Lusofonia, 8, Bragança. *Atas/Anais Bragança, Portugal*, 2009a, p. 205-215.

SANTOS, Irenilde P. dos Memória coletiva, Geolinguística e relações textuais-discursivas. In: SANTOS, João Bosco Cabral (Org.). *Sujeito e subjetividade: discursos contemporâneos*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2009b, p. 213-224.

SANTOS, Irenilde P. dos Geolinguística e atividade discursiva: contribuição para o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). *Língua Portuguesa: cultura e identidade nacional*. São Paulo: IP-PUC; EDUC, 2010, p. 319-328.

SANTOS, Irenilde P. dos. Geolinguística e interação face a face: um diálogo possível. In: Santos, Irenilde Pereira dos Santos; CRISTIANINI, Adriana Cristina (Orgs.) In: *Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises*. São Paulo: Paulistana, 2012a.

SANTOS, Irenilde P. dos. O português falado no Estado de São Paulo: dois atlas semântico-lexicais. In: *Letra Magna*. Ano 8, n. 15, 2º semestre de 2012b, p. 1-16.

SANTOS, Milton *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

SOARES, Rita de Cassia. da Silva. *Atlas semântico-lexical da Região Norte do Alto Tietê (Renat)*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-09012013-113318/pt-br.php>. Acesso em: 5 nov. 2020.





## OS AUTORES

---

**Abdelhak Razky** é Professor Titular da UnB. Possui Doutorado em Linguística pelo Université de Toulouse Le Mirail, França, Pós doutorado na Univ. de Toulouse Le-Mirail e na Univ. de Paris 13.

**Adriana Cristina Cristianini** é docente da Univ. Fed. de Uberlândia., Doutora pela USP e Pós-doutora pela Universidade de São Paulo e pela Universidade de Lisboa.

**Clézio Roberto Gonçalves** é docente na Universidade Federal de Ouro Preto. Possui doutorado em Linguística pela USP, e pós-doutorado em Língua e Cultura pela UFBA.

**Diego Coimbra dos Santos** é docente externo pela UFPA e Diretor Acadêmico-Pedagógico no Projeto do Governo do Estado “Forma Pará” pela SECTET. Mestre em Linguística pela UFPA.

**Eduardo Nakama** é graduado em Engenharia Eletrônica pelo ITA e em Letras-Japonês pela UnB. É servidor público do Ministério da Economia.

**Geanne Alves de Abreu Morato** é professora de Língua Japonesa e supervisora pedagógica do CIL de Sobradinho. É mestranda em Linguística Aplicada na UnB.

**Hélder Gomes Rodrigues** é professor de Língua Espanhola e atualmente é diretor do CIL Sobradinho. É mestre em Linguística Aplicada pela UnB.

**Irenilde Pereira dos Santos** é docente do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP. Livre-Docente em Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

**Josane Moreira De Oliveira** é docente da Universidade Estadual de Feira de Santana. É Doutora em Letras Vernáculas pela UFRJ e pós-doutora em Língua e Cultura pela UFBA.

**Kazue Saito M. Barros** é Professora titular da UFPE, atua na Pós-graduação em Letras e Linguística. É PhD em Language and Linguistics pela University Essex, UK.

**Kyoko Sekino** é professora do curso de Letras Japonês do Instituto de Letras da UnB. É doutora em Linguística Aplicada pela UFMG, especializando-se no Estudo da Tradução.

**Marcus Tanaka de Lira** é professor adjunto do curso de Letras-Japonês da UnB. É Doutor em Linguística pela UnB.

**Ricardo Rios Barreto Filho** é professor adjunto do Departamento de Letras da UFPE, na área de Ensino da Língua Inglesa. Possui doutorado em Linguística pela UFPE.

**Selma Sueli Santos Guimarães** é professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico da Escola de Educação Básica da UFU. É doutora em Linguística pela USP.

**Yuki Mukai** é Professor Associado do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da UnB. É Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas.



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

# DIÁLOGO LINGUÍSTICO

## Ocidente e Oriente

O diálogo pode ser caracterizado como uma atividade humana que tem sua origem na interação humana nos vários grupos sociais que compõem a sociedade. Nesse sentido, é no espaço que, por meio da linguagem, brotam, circulam e se disseminam ideias.

**O Diálogo Linguístico: Ocidente e Oriente** é um livro que reúne textos escritos por pesquisadores que atuam também no ensino, do fundamental até o nível superior. Os capítulos reunidos são frutos de pesquisas aprofundadas sobre diversos aspectos de nossa língua (ocidente) e da língua japonesa (oriente).

O livro demonstra que as áreas de conhecimentos empíricos e teóricos sobre a linguagem podem se entrelaçar e ampliar os estudos com múltiplos olhares. Os novos consensos surgem, quando as “vozes”, em português e em japonês, orientam e direcionam na busca de novos paradigmas, construindo o saber e o fazer científicos.

A Comissão Organizadora agradece a todos os autores que nos confiaram os seus textos para a publicação.

Agradecemos ao Instituto de Letras e ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução pelo apoio e financiamento dessa obra no ano em que a presença da Língua Japonesa na UnB comemora quarenta anos. São quatro décadas de estudos profícuos sobre a língua japonesa os quais foram iniciados e sempre incentivados pela Profa. Dra. Alice Tamie Joko, posteriormente fundadora do curso de Licenciatura em Letras-Japonês, no ano de 1997.

ISBN 978-65-5846-143-2



9 786558 461432



Obra financiada pelo departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LETJ), do Instituto de Letras, por meio do edital IL/EDU 1º/2021.